

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

CAMILA ÁUREA DOS SANTOS

**BAIXADA DO GLICÉRIO: NEGRITUDE, SAMBA, TERRITÓRIO E
GENTRIFICAÇÃO**

São Paulo
2024

CAMLIA ÁUREA DOS SANTOS

BAIXADA DO GLICÉRIO:
Negritudes, samba, território e gentrificação

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado para obtenção do grau de Pós-Graduação no curso de Cultura, Comunicação e Relações Étnico Raciais Universidade de São Paulo (USP).

Orientadora: Dra. Fabiana Felix do Amaral e Silva

São Paulo

2024

FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou o Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Camila Áurea dos Santos, realizado em __ de _____ de 2024.

Prof. Fulano de Tal - Titulação - (Instituição)

Orientadora Prof. Dra Fabiana Felix do Amaral e Silva
(USP)

Prof. Fulano de Tal - Titulação - (Instituição)

A Lavapés teve começo, mas nunca terá fim.

(Madrinha Eunice, 1968)

Agradeço ao privilégio de estudar e dar vazão a própria curiosidade, ao meu marido e à minha família que me apoiaram e me fortaleceram, e à professora Fabi pela paciência e pelos aprendizados.

RESUMO

Este artigo se propõe a fazer uma análise da presença negra na região da Liberdade/Baixada do Glicério ao longo dos últimos 150 anos, destacando a relação do samba com a negritude, resistência e fortalecimento da identidade cultural. Explorando as diferentes formas de como as comunidades negras resistem à gentrificação, ao racismo e à invisibilidade, o estudo adotará uma abordagem interdisciplinar. A metodologia utilizada mescla uma revisão bibliográfica, sobretudo considerando fontes históricas, urbanísticas e sociológicas, como a obra de Raquel Rolnik, Muniz Sodré e Clóvis Moura, mesclados à uma entrevista semiestruturada. Serão investigados documentos históricos, registros locais e entrevistas sobre a escola de samba Lavapés e o seu legado, através de uma entrevista com um dos líderes do grupo de samba "Batuq do Glicério", destacando o papel do samba como elemento fundamental de expressão da identidade negra, considerando a memória do corpo-música com a cidade.

Keywords: Samba; Ancestralidade Negra; Resistencia; Gentrificação; Território

ABSTRACT

This article focuses on an analysis of the Black presence in the Liberdade/Glicério area over the past 150 years, highlighting its connection with samba, Blackness, resistance, and the strengthening of cultural identity. Exploring how Black communities resist gentrification, racism, and invisibility, the study will take an interdisciplinary approach, combining bibliographic research considering historical, urbanistic, and sociological sources, such as the works of Raquel Rolnik, Muniz Sodré, and Clóvis Moura, alongside semi-structured interviews. Historical documents, local records, and interviews about the Lavapés samba school and its legacy will be investigated, including an interview with one of the leaders of the "Batuq do Glicério" samba group, highlighting the role of samba as a fundamental expression of Black identity, considering the memory of body-music within the city.

Keywords: Cultural Heritage; Resistance; Gentrification; Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Região do Glicério	16
Figura 2 - Instrumentos da Batucada do Veludo (2021)	21
Figura 3- Ilustração de Ruy Martins para o livro "Oito Bananas por um Tostão"	28
Figura 4 - Escola de Samba do Lavapés	29
Figura 5 - Crianças tocando instrumentos na sede do "Batuq", sob o Viaduto do Glicério	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. GLICÉRIO: UM TERRITÓRIO ATRAVESSADO PELO SAMBA DA LAVAPÉS E PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO	16
3. SAMBA COMO ELEMENTO DE FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E RESISTÊNCIA NEGRA	26
4. LAVAPÉS, LEGADO E O “BATUQ DO GLICÉRIO”	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
APÊNDICE A - Entrevista com Alexandro da Silva Souza.....	40

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é examinar as estratégias de resistência frente à desigualdade racial e social, ou seja, maneiras diversas de valorização da presença e das identidades negras na região da Liberdade e do Glicério, na cidade de São Paulo. O samba emerge como elemento cultural central nesse contexto, funcionando como forma de resistência coletiva, expressão cultural que fortalece a identidade negra no território. Entende-se a “Negritude” como um conceito multifacetado, que pode ter caráter político, ideológico e cultural do povo negro. Nesse artigo, daremos foco ao corpo, à voz e à expressão, conforme menciona Hall (2003, p. 324), a música e o corpo negro irrompem novas estratégias subterrâneas de leitura e transcodificação da cultura, bem como dão significação de forma crítica a partir de materiais preexistentes. De modo que a música, entre outras várias manifestações culturais da negritude, é uma forma de celebração da vida utilizando o corpo, voz e instrumentos para enfrentamento das diversidades, mesmo em um mundo violento e desigual.

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 116).

Muniz Sodré discorre em sua obra, em *O terreiro e a cidade* (2002), que as heranças jeje-nagô e congo/angola foram responsáveis por criar um novo contexto civilizatório, que traz um contraponto ao modelo embranquecido e ocidental de cidade de São Paulo. Nela, ele atribui o “Terreiro” a uma contra narrativa teimosa de outro padrão de cidade, que irrompeu o chamado “projeto aberto”, permitindo afirmar a identidade a partir da diferença étnica e cultural.

Ainda segundo Sodré (2002), as chamadas “microáfricas são territorialidades que nos convidam para a reflexão do existir na cidade a partir do prisma da diferença”. É a partir da definição do conceito de microáfricas, olhando a metrópole sob o prisma da diferença, que o autor propõe uma transgressão à projeção europeia de espaço urbano e branco.

Importa dizer que ao destacarmos essa geocultura a partir do prisma das microáfricas e da presença negra, revelamos a formação de territorialidades que demarcaram, por toda a cidade, essa nova proposta de existir na cidade, uma cultura presente em bairros como Barra Funda, Bixiga, Vila Matilde, Casa Verde, Cambuci e Glicério (SIMSON, 2007).

A região da Liberdade e do Glicério, em São Paulo, destaca-se como uma das mais relevantes no debate de territorialidade e negritude, pois foi nesse território que foi fundada a primeira escola de samba do estado: a “Escola de Samba Lavapés”, em 1937. Wilson Rodrigues Moraes (1978) argumenta que as primeiras escolas de samba brasileiras, em geral, eram organizadas e lideradas por famílias negras, sugerindo, portanto, uma rede familiar que é protagonista na formação de uma instituição cultural de muita relevância, responsável por afirmar, celebrar e disseminar valores das microáfricas na cidade.

Por ser a escola de samba mais antiga em atividade, escolhemos a “Escola de Samba Lavapés” como um dos principais marcos desse movimento o samba, da negritude, da resistência e do território. Da mesma forma, para que tenhamos um estudo que considere e valorize o legado, também abordaremos o grupo de samba “Batuq do Glicério”, fundado em 2013, que foi grandemente influenciado pela Lavapés.

Para compreender o debate da região do Glicério/Liberdade, é preciso retomar sua história. Conforme discorre Hubner et. al (2020), durante o período colonial, a região do Glicério e da Liberdade era frequentemente vista como os “fundos” da cidade, apesar de servir como o principal ponto de acesso a São Paulo para aqueles que vinham de Santos. Ela ainda menciona que a Baixada do Glicério tinha características ainda de área de várzea, pouco valorizada pela elite, e já existiam registros de abrigos para negros ex-escravizados, resultando na concentração significativa de uma população negra marginalizada socialmente desde meados do século XIX.

De forma bastante similar à região do Glicério, o bairro da Liberdade se notabiliza pela presença da cultura negro-africana desde meados do século XVIII (SOUZA, JOVINO e MUNIZ, 2018; SEVCENKO, 2004), A região onde hoje é o metrô Japão-Liberdade, no período colonial, era conhecida como Largo da Forca, o espaço público voltados para a execução e tortura de pessoas consideradas desviantes socialmente. Além disso, a região se destacava pelos rituais litúrgicos do culto aos mortos, conduzidos por homens e mulheres negras no Cemitério dos Aflitos, que foi o primeiro cemitério público da cidade. (SEVCENKO, 2004).

No século XIX, a zona central da cidade, onde se localiza o Caminho Histórico, era caracterizada por forte presença negra. [...] A área urbana nesse período se constituiu como território negro por possibilitar ofícios para os libertos e escravos evadidos das fazendas.” (HUBNER et al, 2020, p. 160)

A presença negra no bairro da Liberdade e do Glicério tem um histórico longo e imprimiu marcas importantes no território. Na virada do século XIX para o XX, é inegável que a cidade começou a experimentar mudanças socioeconômicas significativas: o início da modernização de São Paulo. Este período foi acompanhado por ideologias racistas presentes nas elites das classes dominantes, provocando uma rápida transformação no espaço urbano e resultando no apagamento de memórias arquitetônicas e socioculturais ligadas às épocas coloniais, além de ter contribuído para aumentar a marginalização de alguns grupos nas áreas centrais da cidade, especialmente afetando espaços de vivência da população negra e de baixa renda (DOMINGUES, 2004; MORAES, 2017; SANTOS, 2008; SILVA, 2018). Segundo Rolnik (1989), a população negra da região, devido às políticas de embranquecimento populacional e cultural, associada à expansão cafeeira, provocou intenso processo de urbanização seguido pela expulsão da população ali existente.

Segundo Lima (2020), ideais higienistas e a profunda influência europeia e suas transformações sociais foram marcantes na sociedade brasileira no início do século XX. Do Nascimento (2019, p.10) destaca ainda

a reforma do Vale do Anhangabaú com a criação do jardim e a construção do Teatro Municipal; a edificação de um novo Viaduto do Chá para acomodação de novos bairros de elite nos Campos Elíseos; os investimentos em reforma na estação e Jardim da Luz e a reurbanização do Parque D. Pedro II. Prado reformou a cidade, de modo que cada vez menos se reconhecesse a cidade de Taipa; agora ela era a cidade de Tijolo, a nova Paris, a “cidade dos italianos.

Assim como na Europa, essas mudanças urbanas tinham como efeito esconder e substituir construções, além de expulsar das áreas valorizadas da cidade populações pobres indesejadas pelas elites. No contexto brasileiro, os indesejados eram pobres e negros, também visto que o não reconhecimento do negro enquanto cidadão deu origem à segregação racial vivida até os dias de hoje, bem como ao apagamento sistêmico das memórias e identidades da população.

Esta configuração de transformação do espaço da metrópole está associada ao que Quijano (2005) discute sobre a “colonialidade do poder”, ao considerá-lo uma dimensão constitutiva da história da modernidade e, neste sentido, o processo de colonização da América Latina foi elemento central para constituição economia-mundo capitalista. Para o autor, o poder de dominação se estabelece a partir da codificação das diferenças entre opressores e oprimidos

com bases na ideia de raça, como uma suposta diferença estrutural que coloca os conquistados em situação natural de inferioridade em relação aos conquistadores.

Este novo padrão de poder serviu para legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominados e dominantes. Assim, a raça se converteu no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial em categoria, lugar e papel na estrutura de poder da nova sociedade. Portanto, a partir da compreensão desta estrutura de poder, revela-se a importância de considerar que a conformação de padrões de segregação não são momentos socioespaciais senão que sociais-raciais-espaciais. Quijano (2005)

No período pós-abolição da escravatura no Brasil, importa-se novas teorias para entendimento da nova realidade consigo baseadas em jargões cientificistas, evolucionistas, determinista, positivista e também as proposições referentes ao racismo científico, que pregava uma ideia de superioridade branca e inferioridade negra (COSTA, 1967). Uma das estratégias empregadas por essas ideologias racistas era a miscigenação para branquear a população:

A teoria brasileira do “branqueamento” (...) [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e “menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas. (SKIDMORE, 1989, p.81)

Os movimentos racistas que ganharam destaque no final do século XIX exerceram influência significativa nos processos de expulsão da população negra das regiões centrais da cidade, como a Liberdade e o Glicério, reforçando a estratégia de branqueamento dos grandes centros e, conseqüentemente, da marginalização de populações negras. Paralelamente, foi promovido um movimento de imigração europeia com o intuito de reforçar a política que visava tornar a cidade cada vez mais branca e menos negra. Um exemplo da aderência desses ideais ao Brasil dentro desse período é destacado por Santos (2006), que relata um incidente ocorrido na década de 1920: segundo o autor, um casal de agricultores dos Estados Unidos adquiriu terras na região amazônica brasileira. Entretanto, ao descobrir que os compradores eram negros, as autoridades brasileiras impediram sua entrada no país e devolveram o valor da compra pois

a imigração negra não era desejável. Em contraste, imigrantes europeus eram incentivados, através de políticas estruturadas, a entrarem no Brasil e aqui residirem, muitas vezes recebendo doações de terras do Estado como estímulo. Essa disparidade de tratamento entre o imigrante branco e negro evidencia a presença de políticas discriminatórias baseadas na cor da pele.

No início do século XX, com as mudanças econômicas e como reflexo das políticas de imigração, o bairro da Liberdade era constituído, principalmente, por imigrantes europeus — italianos e portugueses — que foram se ausentando da região na medida em que melhoraram suas condições econômicas e sociais, abandonando casarões, sobrados e palacetes, posteriormente transformados em pensões e casas de comércio. (SCHENKMAN, 2017).

Reflexos oriundos das políticas racistas do século passado têm ressonância até hoje: no senso comum da maioria dos paulistanos, a história da população negra no bairro da Liberdade ainda é pouco conhecida. O processo de apagamento da população negro é pouco percebido, e dentro da conjuntura do racismo estrutural é tido como padrão de normalidade. Dessa forma, a desigualdade racial se constitui como “normal na estrutura social” (ALMEIDA, 2018). Inicialmente, a gentrificação, que nesse contexto gera a expulsão da população preta, foi identificada como um fenômeno de transformação socioespacial causada pela chegada de setores de classe média ou classe alta, atividades comerciais ou imobiliárias acompanhada pela expulsão da população mais pobre através de várias pressões causadas pela chamada “Limpeza social” marcada por demandas de mercado acentuando as distinções de espaço nas cidades (MENDES, 2015, p. 210). O processo da gentrificação não é somente explicado a partir do impulsionamento pelos interesses econômicos voltados a um território específico, seja ele nos centros ou não, mas engloba também abordagens que associam esse estudos coloniais com o racismo estrutural, conectando o conceito de gentrificação com a discriminação racial, ao passo que reconhece que a conquista dos espaços ocorre via de regra em determinadas zonas da cidade, nas quais residem pessoas de certa nacionalidade, origem étnica, gênero e cor, observando na gentrificação a expressão prática de colonialidade do poder (CORDERO, 2016, p. 101-102).

Algumas políticas públicas aplicadas na última década também funcionaram como contribuintes para o apagamento da história negra no bairro: em 2018, a Lei Municipal 16.960 alterou o nome da Praça da Liberdade para Liberdade-Japão. Esta praça, que é um dos pontos mais visitados do bairro até hoje, nos tempos da colônia, foi o local onde os escravizados foram condenados à morte. Entre muitas execuções, a que mais se destaca é o episódio envolvendo Francisco José das Chagas, conhecido como Chaguinhas (SEVCENKO, 2004). Chagas, um

cabo, foi condenado à força por liderar um levante militar no litoral paulista devido a salários atrasados. Durante sua execução, a corda da forca rompeu-se três vezes, provocando um clamor entre os espectadores. Apesar dos apelos por clemência, Chaguinhas foi finalmente morto a pauladas pelos algozes. Ele foi elevado ao status de santo, e o local de sua morte tornou-se um centro de devoção popular e culto à sua memória e presença.

O propósito deste estudo é investigar as estratégias de resistência e a relevância do samba como central no processo de fortalecimento da identidade da população negra paulista. O samba é considerado uma expressão cultural negra que contrapõe o quadro de desumanização imposto aos negros pelo sistema racista que sustentou a escravidão de homens e mulheres, surgindo como uma manifestação de resistência a opressão. O sociólogo Paul Gilroy (2001) argumenta que, para as pessoas negras, as diversas formas de musicalidades e danças foram saberes que se expressam como arte, protesto comunicação contraponto ao discurso e às políticas de marcas ocidentais. O processo de modernização urbana da capital do estado paulista, durante o século XIX, serviu como um dos principais cenários para a construção ideológica eugenista da época. Entendemos, portanto, que as rodas de samba, grupos e escolas de samba, e suas diversas formas de atuação no período pós-abolição, representam uma dessas formas de resistência que garantiram uma identidade para a população afropaulista, foram e são “estratégias para resistir, negociar e estar culturalmente na cidade” (AZEVEDO, 2012, p.15).

Os grupos abordados nesse estudo foram a escola de “Samba Lavapés”, uma das primeiras escolas de samba de São Paulo criada no Glicério em 1937 e o grupo “Batuq de Glicério”, criado em 2013.

A metodologia utilizada na construção deste artigo adotou uma abordagem mista que combina pesquisa bibliográfica, análise de dados secundários e entrevista semiestruturada. A escolha desse modelo é proposital para permitir uma análise mais variada e aprofundada: a pesquisa bibliográfica serve como base teórica para a interpretação de movimentos urbanos, sociais e de resistência negra, fornecendo um panorama abrangente sobre o tema em questão, incluindo conceitos fundamentais, teorias interseccionais. Foram consultados livros, vídeos, filmes recortes de jornais, produções acadêmicas, dentre outros materiais que contribuíram para embasar a análise e a discussão apresentadas no trabalho.

Além disso, foi realizada entrevista semiestruturada por vídeo com Alexandro da Silva Souza, líder da “Batuq do Glicério” para complementar e enriquecer a compreensão do tema, principalmente pois o grupo de samba tem cerca de 10 anos de idade e há pouca pesquisa acadêmica descrevendo sua atuação. Por esse motivo, entrar em contato diretamente com Alex,

um dos líderes do grupo de samba foi importante para contextualizar a discussão. A entrevista foi elaborada ¹de forma a permitir uma exploração aprofundada das questões pertinentes a este artigo sobre resistência e a permanência no Glicério, sobre a importância do samba e a conexão, sem, no entanto, limitar as respostas dos entrevistados a um conjunto circunscrito de perguntas. Neste sentido, este artigo adota a vertente teórica histórico-cultural (dialética), que, segundo Triviños (1987)), permite que as perguntas sejam designadas como explicativas ou causais, com o intuito de determinar razões imediatas ou mediatas do fenômeno social.

Outra estratégia metodológica utilizada para levantamento das percepções e da história da escola de samba Lavapés foi a análise de dados secundários ao acessar as entrevistas das lideranças da Lavapés concedidas a jornais e outros canais. Madrinha Eunice e Rosemeire Marcondes foram presidentes da escola entre os anos de 1937 e 1995 e de 1995 até a atualidade, respectivamente.

A integração dessas abordagens metodológicas permitiu uma análise mais abrangente e aprofundada do tema, combinando o embasamento teórico da pesquisa bibliográfica com a perspectiva prática e contextualizada proporcionada pelo levantamento e análise dos dados secundários e da entrevista semiestruturada. Dessa forma, contribuindo com a diversidade de visões necessárias para essa análise.

No primeiro tópico, abordaremos o fenômeno da gentrificação, o racismo, a forma em que os interesse do capital, aliados aos do Estado, transformaram a região da Liberdade/Glicério, resultando na expulsão da própria escola de Samba Lavapés da região original.

No segundo tópico, exploraremos a relação intrínseca entre o samba e a resistência através do fortalecimento da identidade e da negritude. O samba foi responsável por influenciar no processo de construção da identidade coletiva das comunidades negras desde a época da colonização até os tempos atuais, além de servir como uma estratégia de resistência frente aos processos de segregação racial e espacial. Investigaremos como o samba, enquanto expressão cultural, desafia e confronta as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a discriminação racial nas áreas urbanas.

No terceiro tópico, abordaremos o legado do samba da Lavapés nos dias de hoje, analisando a visão de Alexandro, ex-participante da escola de samba do Glicério e fundador do grupo “Batuq do Glicério”, presente e atuante na Liberdade/Glicério desde 2013, destacando

¹ Entrevista concedida à autora em 23/04/2024.

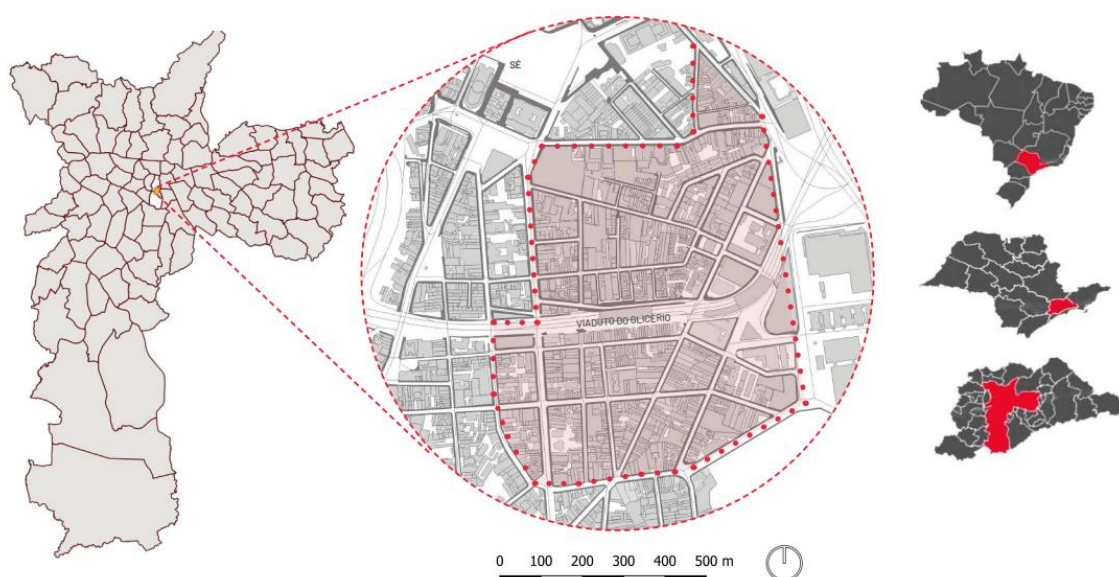
seus papéis na preservação da memória cultural afro-brasileira, na promoção da inclusão social e na resistência às tentativas de apagamento histórico e cultural.

O quarto e último tópico apresenta as considerações finais do artigo, o qual investiga as origens e identidades negras do bairro do Glicério, enquanto questiona a narrativa reducionista da história da população negra em São Paulo. Além disso, destaca-se a resistência e a importância cultural do samba, em meio a forças como racismo estrutural e gentrificação.

2. GLICÉRIO: UM TERRITÓRIO ATRAVESSADO PELO SAMBA DA LAVAPÉS E PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO

Segundo Shiraiwa (2017), a região do Glicério concentra uma densidade habitacional composta em sua maioria por pessoas de baixa renda. Desde sua fundação, a região foi responsável por abrigar a população negra, operários e imigrantes, o que contribuiu em grande parte para ser conhecido como uma região marginal, ainda que esteja no centro de São Paulo. Localizada praticamente às margens do rio Tamanduateí, pertence ao distrito da Liberdade e é administrada pela prefeitura regional da Sé. A área também é conhecida pelos constantes alagamentos da região. Abaixo, encontra-se o mapa da região da Liberdade, com um foco na Baixada do Glicério. Encontra-se também, para melhor entendimento, os mapas do Brasil, do estado de São Paulo e da cidade capital do estado.

Figura 1 - Mapa da Região do Glicério



Fonte: SEHAB, com montagem de Lima (2020).

Para compreender de maneira completa a marginalização do território do Glicério/Liberdade, é importante entender alguns marcos temporais e urbanos sociais ao longo do último século. Esses mesmos processos influenciaram na transformação e criação de novas formas de sociabilidade para os moradores do Glicério ao longo do tempo, impactando da forma ao modo de vida, expressão e as musicalidades desses grupos, os quais iremos explorar abaixo.

Uma das principais questões que impactam a região do Glicério, bem como as regiões de outras grandes metrópoles, é a demanda por habitação. O crescimento demográfico das cidades brasileiras cresceu exponencialmente no último século. Em 2022, a porcentagem dos que vivem em áreas urbanas se aproxima de 90% (IBGE, 2022). Esse aumento populacional não foi acompanhado por um crescimento econômico, distribuição de renda ou políticas públicas, resultando no crescimento intenso das cidades e impactando também no aumento da desigualdade racial. Segundo o IBGE (2022), pretos e pardos enfrentam maior insegurança de posse da moradia: mais de 30% de pessoas pretas e pardas residentes em domicílios próprios não tinham documentação da propriedade, enquanto a proporção entre as pessoas brancas era praticamente a metade (10,1%). Além disso, populações pretas e pardas representaram mais da metade da população brasileira, mas, nos indicadores que refletem melhores níveis de condições de vida, a participação dessas populações é mais baixa.

O fato da região do Glicério estar geograficamente ao centro da cidade, mas ser historicamente uma região socialmente marginalizada, explicita um debate sobre territorialidades bastante complexo: a definição de o que é considerado a divisão centro-periferia não se limita a esfera geográfica e é tampouco imutável. Villaça (2001, p. 82) observou um padrão importante nas cidades brasileiras: “existe um deslocamento de lugares considerados como centro de acordo com a movimentação das elites no território”. O autor ainda cita os movimentos de expansão das burguesias, que carrega consigo o que ele caracteriza como centro da cidade, ou seja, melhorias viárias, investimentos privados e públicos, centros comerciais, escritórios, bancos e lojas, por exemplo. A elite paulistana passou a se deslocar do centro tradicional no início da década de 1940 em direção ao sudoeste, abandonando o centro da cidade repleta de prédios vazios, com edifícios fechados ou abandonados e passou a ocupar as regiões como a Avenida Paulista, Higienópolis e Pacaembu. “O centro tradicional então passou por uma grande transformação em suas dinâmicas urbanas, divulgada como popularização, deterioração ou degradação, termos imbuídos de um caráter prático e ideológico.” (KARA, 2010, p. 12)

Quase simultaneamente ao início do processo de migração das elites do centro para outras regiões da capital paulista, surge a primeira escola de Samba de São Paulo no Glicério, mais precisamente nas encruzilhada conhecida popularmente cinco esquinas: a Sociedade Recreativa Beneficente e Esportiva do Lavapés é fundada em 1937 por uma mulher negra chamada Deolinda Madre, que era mais conhecida pela alcunha de “Madrinha Eunice” (14/10/1909 – 06/04/1995), que é uma das figuras mais emblemáticas da escola. Seu marido Francisco Papa, “Chico Pinga”, e seu irmão, José Madre, o “Zé da Caixa” (01/08/1918 - 2003) também participaram como fundadores da escola. (ARAÚJO, 2012).

Madrinha Eunice e seu irmão eram naturais de Piracicaba, interior do estado de São Paulo, onde receberam a influência do batuque de umbigada, manifestação cultural negra típica da região no início do século e, segundo o antropólogo Marcelo Simon Manzatti, junto do jongo e do samba rural “formam o tripé de Batuques praticados pelos paulistas desde a introdução do elemento negro no estado” (MANZATTI, 2005, p. 75).

Antes mesmo da Lavapés ser fundada, já existiam uma série de esforços para impedir e até mesmo criminalizar as comunidades e a prática livre da cidadania da população negra no Brasil. Segundo Lima (2020), a Lei da Vadiagem, de 1890², precarizou a vida daquelas pessoas que não possuíam emprego formal ou tão pouco moradia fixa: em sua maioria homens negros. As atividades dessas pessoas e suas manifestações culturais eram tidas como vadiagem pelo poder público e pela elite da época. Uma dessas atividades criminalizadas e vistas como vadiagem era a roda de samba e a prática da tirinha (“capoeira paulista”). Assim como este, surgiram na Liberdade outros clubes com foco em organização política negra, como o cordão carnavalesco “Paulistano da Glória”, o “Clube Palmares” e a “Frente Negra Brasileira”.

Algumas dessas organizações e expressões, como a Tiririca, sofreram tanta repressão que foram paulatinamente sumindo da paisagem urbana, até que nos anos 1960 eram extremamente rarefeitos. Nos anos de 1930, aconteceu uma mudança de paradigma social para um Brasil que acreditava viver em uma “Democracia Racial”, segundo Freyre (2006), mesmo que paradoxalmente todas as manifestações negras eram consideradas inferiorizadas e criminalizadas. A ideia de democracia racial não encontrava eco na realidade, e o racismo

² “A vadiagem é uma contravenção prevista no artigo 59 do decreto-lei 3.688 de 1941. A lei classifica como vadiagem entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita”. A pena pode variar entre 15 dias e três meses” (G1, 2010, p.01). Além disso, “Com a criminalização da vadiagem, a elite buscou garantir a sua própria proteção e conservar, não mais pela via da escravidão, mas por meio da lei, o controle sobre a população negra. A vadiagem foi um crime previsto no Código Criminal de 1830, o único do Império, e no Código Penal de 1890, o primeiro da República. Deixou de ser crime em 1940, quando Vargas assinou o Código Penal que está em vigor até hoje.” (WESTIN, 2023, p.01).

institucional, a exclusão e a marginalização das populações negras nas áreas urbanas era uma constante.

O sociólogo Clóvis Moura questiona a ideia de contribuição passiva da população negra no período da escravidão através da discussão e de um levantamento de rebeliões negras, fenômeno que se alastrou por todo território brasileiro durante sistema escravagista (MOURA, 2014a). Entende-se a participação negra no cotidiano brasileiro, mesmo no cenário pós-escravidão seguiu à mesma lógica prática: populações negras marginalizadas na capital Paulista encontraram meios de resistir por dentro o racismo estrutural e a marginalização através muitas formas, entre elas as manifestações culturais e corpóreas e musicais. A reflexão perpassa pelas ideias de Rolnik (1989), ao discutir a noção de território negro como espaço vivido, obra coletiva construída peça a peça por um certo grupo social que “conta não apenas uma história de exclusão, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum” (p.76).

A territorialidade e a expressão da negritude, cultura e identidade são debates complexos. O educador Allan da Rosa (2019), ao refletir sobre essas temáticas a luz do conceito de território e realizando uma leitura do pensamento do sociólogo Muniz Sodré (2002), afirma que o autor “entende o ser africano como um ser territorializante, abrindo vagas e ficando símbolos em espaços até então fechados” (p.49).:

O território é revalorizado por seu sentido mais simbólico e, operando vínculos, pode assimilar os de casa e os de fora. O território também é iniciado e, assim, por um complexo processo de entrada no ciclo de trocas simbólicas, constitui-se uma paisagem da alma. Templo e também carne, provedor de matéria e de encontros pessoais, revitaliza intenções genuínas. É no território que se recebe e que se ferve o patrimônio cultural negro-africano, sem que se excluam os parceiros do jogo (brancos, vermelhos, amarelos, mestiços), exibindo uma aproximação real e espacial das diferenças, ensejando assim uma reconstrução vitalista, uma continuidade geradora de identidade (SODRÉ, 2002, p.54 apud ROSA, 2019, p.49).

Deolinda Madre viveu sua vida na região da Liberdade/Glicério. Alternando entre a Várzea do Glicério, nas ruas Tamandaré, Glória, Galvão Bueno e Barão de Iguape – onde a quadra da Lavapés resistiu por 40 anos (CATRACA LIVRE, 2019). Ali era um lugar de resistência, subversão e inclusão para a população negra marginalizada.

A trajetória e a liderança de Deolinda revelam o papel importante desempenhado pelas famílias negras e, sobretudo, pelas mulheres negras na organização das identidades

carnavalescas em São Paulo. A autora Eloiza Maria Neves (2002) elabora sua pesquisa a partir da análise de escolas de samba que foram tradicionalmente reduto da população negra na cidade de São Paulo, sendo elas: a Lavapés; Camisa Verde e Branco; Vai Vai; Unidos do Peruche e Nenê de Vila Matilde. Através da análise histórica, ela identifica a importância das mulheres na liderança das escolas e como elas desempenharam um papel de honra sendo tias, avós, mães e madrinhas da comunidade como um todo.

A Lavapés foi considerada uma das escolas mais emblemáticas de São Paulo não somente por seu pioneirismo: foi responsável por acolher e lançar muitos sambistas que, segundo Araújo (2012), fundaram ou participaram de outras escolas ou grupos de samba da cidade. Entre eles, Carlão do Peruche (fundador da Unidos do Peruche, em 1956), Silval do Império (fundador da Império do Cambuci, em 1963), Chiclé e Mestre Thadeu (do Vai-Vai), os radialistas Moraes Sarmiento e Evaristo de Carvalho, Mestre Lagrila e o multiartista Germano Mathias. Um dos líderes da Batuq do Glicério, que entrevistamos, também participou ainda jovem da bateria da Lavapés.

Segundo o documentário “LAVAPÉS: ANCESTRALIDADE E PERMANÊNCIA” (2017), a neta de Deolinda Madre, Rosemeire Marconde, discorre sobre como a avó, além de chefiar a escola de samba Lavapés, liderava um time de futebol que levava o mesmo nome. Além disso, ela menciona outras referências afro-brasileiras na escola: a presença de referenciais da Quimbanda (religião afro-brasileira) nos ornamentos e ritos da escola. O patrono/entidade da agremiação é chamado Exu Veludo, que batiza a bateria da Lavapés influenciando nas cores da escola carrega. Abaixo, a imagem de um dos instrumentos da Batucada do Veludo.

Figura 2 - Instrumentos da Batucada do Veludo (2021)



FONTE: Página do Facebook da escola Lavapés Pirata negro

A partir deste relato, é notória a relevância de espaços e a manifestação da negritude é permitida livremente, seja a espiritualidade, seja a expressão e a corporalidade, e de uma forma a resistir aos processos de exclusão e marginalização. O processo de fortalecimento cultural também refletiu nas principais conquistas da agremiação paulista:

A Lavapés, desde seu surgimento, ocupou praticamente todos os espaços dedicados aos desfiles de carnaval desde sua fundação, Praça da Sé, Vale do Anhangabaú, Avenida São João, Tiradentes e o Sambódromo. Até o final da década de 1960, a entidade esteve entre as agremiações mais vitoriosas do carnaval afro paulistano exercendo domínio nas competições (ARAÚJO, 2012).

Devido ao seu carácter de manter-se com moldes do samba tradicional em São Paulo, a Lavapés teve seu auge entre os anos 50 e 60, e, a partir dos anos 70, começou seu declínio, enquanto outras escolas passavam por um momento de modernização

Na década de 1960, período em que a disputa ficou acirrada devido ao surgimento de novas escolas e o fortalecimento das agremiações, como a Unidos do Peruche e Nenê de Vila Matilde, a escola levou o título em 1961 e em 1964, foi campeã pela última vez entre as escolas de elite. (URBANO, 2012, p. 99 apud ARAÚJO, 2012, p.12).

Independentemente dos tempos de glória ou decadência da escola, a Madrinha Eunice permaneceu como líder da comunidade até seu falecimento no ano de 1995³. Sua sucessora, sua neta Rosemeire Marcondes, mobilizou esforços para dar continuidade ao Carnaval da Lavapés na Baixada do Glicério.

Um dos períodos mais significativos na história da Lavapés representa também um dos principais marcos do período de crise: a mudança da sede da escola do seu local de origem. Segundo Araújo (2012, p.14) “A quadra da Lavapés, desde meados da década de 1960 ficava na Rua Barão de Iguape, 985, no Glicério, mas o terreno foi retomado pelo governo federal em 2004, após um pedido de autorização para reforma de melhoria dos banheiros. Até o início de 2012 o local estava parado”. A partir desse momento, a escola se distancia do bairro de origem.

A gentrificação⁴ é entendida como um fenômeno socioespacial caracterizado pela chegada de classe média ou atividades comerciais em áreas anteriormente habitadas por população de baixa renda, resultando na saída destes grupos por meio de processos marcados pela “higienização social”. Inicialmente esse processo foi comumente associado ao centro da cidade e à especulação imobiliária; agora, ele ocorre em outras localidades de maneiras diferentes. Uma abordagem recente incorpora conceitos de estudos coloniais, como o racismo urbanístico, destacando a relação entre gentrificação e raça, reconhecendo-a como um movimento caracterizado pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), que marginaliza os grupos afetados (CORDERO, 2016). O termo criado pelo sociólogo Aníbal Quijano determina que a raça é o pressuposto que legitima todas as formas, formas de dominação através da colonialidade. Dessa forma, o autor argumenta que o colonialismo posicionou a Europa no centro do mundo ideológico, criando um conceito de centralidade: o eurocentrismo. A partir desse padrão, as demais identidades, regras sociais, valores, hierarquias são desenhados:

A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de

³ O primeiro desfile oficial de escolas de samba de São Paulo foi realizado em 1968, na avenida São João. Apesar dos desfiles acontecerem desde a década de 1930 espalhados pelos bairros da capital Paulista, o prefeito José Vicente e Brigadeiro Faria Lima foram responsáveis por institucionalizar a festa oficial na cidade, em 1967. "Para incentivar os foliões, serão estabelecidos prêmios e troféus para as melhores fantasias, blocos, cordões e ranchos", prometia o prefeito ao enviar o projeto de lei que regulamentaria a promoção do carnaval pela Prefeitura." (SACONI, 2014).

⁴ Sobre a história do conceito de gentrificação, marcado por seu caráter crítico frente aos fenômenos de exclusão e criado para denunciar políticas de afrouxamento do controle do Estado sobre o mercado e a mercantilização urbana, ver: Elliot-Cooper et al. (2008, p. 45-51), Wyly (2019, p. 15-18), Smith (2012, p. 87-88), Janoschka et al. (2014, p. 13), Constela (2013, p. 223).

dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/ inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118).

Além disso, o autor discorre sobre outros processos importantes da forma de estrutura social (QUIJANO, 2007, p. 123). Com a globalização vivemos o primeiro sistema-mundo global, criando uma forma global de fazer política e consolidando as cidades em um formato global. Ou seja, partindo de premissas que descendem do colonialismo, é natural que os processos de transformação dos espaços aliados aos interesses econômicos sigam a lógica eurocêntrica e racista contribuindo no que é considerado como “Limpeza social”, levando os menos desejáveis dentro dessa lógica para mais longe do espaço urbano possível (SHIN, 2018, p. 151).

Além das intersecções e aproximações do processo de gentrificação e racismo estrutural mencionados acima, não é incomum que grupos praticantes ou favoráveis ao processo de gentrificação recorram a terminologias tendenciosas como “reciclagem do bairro”, “melhoramento”, “renascimento”, “modernização” e outros, como formas de sinalizar, ainda que de forma moderada e não explícitas as conotações raciais e classicistas da gentrificação (SMITH, 2012, p. 76; GRAHAM, 2011)

Dentro desse debate, é importante contextualizar a fala de duas das principais líderes da Lavapés: Madrinha Eunice e sua neta Rosemeire Marcondes.

Segundo Oliveira (2020), quando questionada por Olga Von Simson durante uma entrevista da série “Memória do Carnaval Paulistano” no Museu da Imagem do Som, sobre se a gentrificação na Baixada do Glicério causou a perda de participantes e desorganização para a Lavapés, em comparação com as escolas estabelecidas nas periferias, Madrinha Eunice foi categórica ao afirmar que não. Ela explicou que, desde sua fundação, a maioria dos membros da escola era originária dos bairros. Entretanto, a entrevista não trata do processo de perda do espaço da escola em seu bairro de origem, pois esse processo ocorreu ao menos 9 anos depois da morte da líder e fundadora da escola de samba. Rosemeire Marcondes, que sucedeu sua avó

na liderança da agremiação e que viveu diretamente o processo de mudança da escola para a zona sul da cidade, comenta sobre esse processo no documentário organizado pelo Geledés Instituto da Mulher Negra em 2024:

Fomos embora para o Jabaquara pois os governantes não permitem mais as quadras tão próximas do ambiente de cada escola (...) A política faz com que você saia da sua região e não leve todo esse legado, alguns continuam acompanhando a escola, outros não mais. Na verdade, é culpa dos governantes, da política que não quer que o povo negro fique próximo ao centro. Quanto mais eles puderem afastar a gente, eles se acham melhor assim. (GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2024)

A entrevista de Rosemeire ao Geledés aconteceu no início do ano de 2024. Contemporâneo a essa entrevista é o processo de expulsão do território original da quadra da Vai-Vai, outra escola de samba de prestígio que surgiu na região central paulista. Segundo o G1, a Vai-Vai está sem uma quadra definitiva há pelo menos quase dois anos, depois de deixar o espaço tradicional no Bixiga. A escola deixou a área da região original, onde está sendo construída a futura estação 14 Bis, da linha 6-Laranja, e recebeu de forma compensatória um terreno em uma área residencial na Bela Vista e, por isso, não conseguiria fazer ensaios. A Prefeitura então, cedeu um outro terreno para a escola, longe do território original da escola, dessa vez na região próxima à Marginal Tietê. Segundo a reportagem, há bastante espaço para construir a "Arena Vai-Vai", com capacidade para cinco mil pessoas, mas hoje uma cooperativa de reciclagem funciona na área. Clarício Aparecido Gonçalves, presidente da Vai-Vai, destacou em entrevista para o SP2:

Ali praticamente nós não vamos porque seria pra nós uma coisa chata, porque a escola do povo retira o povo pra fazer uma quadra de ensaio. Então, o que nós estamos negociando junto aos órgãos públicos é que nós revogamos aquele local e conseguimos um outro o mais rápido possível, porque é o que nós precisamos dar pra nossa comunidade é uma arena Vai-vai pra que a gente possa fazer ensaio (SP2, 2023).

Os sambas tanto da Vai-vai quanto da Lavapés conectam-se aos processos da metrópole que geram transformações na cidade, mudanças essas que foram utilizadas em trechos de seus samba-enredo:

O samba não levanta mais poeira, asfalto hoje cobriu o nosso chão, lembranças eu tenho da Saracura, Saudades tenho do nosso cordão, Bixiga hoje é só aranha-céu, E não se vê mais a luz da Lua, Mas o Vai-Vai, Está firme no pedaço, É tradição e o samba continua (FILME, 1980).

É crucial também considerar o papel do Estado no debate sobre as intersecções entre colonialidades do poder e gentrificação. As transformações no espaço impulsionadas pela gentrificação resultam na remoção de pessoas, tornando-as nômades, em práticas apoiadas e perpetradas pelo próprio Estado. A elite depende do poder estatal de repressão para manter os pobres à distância (DAVIS, 2006, p. 104-108). É evidente que para uma camada privilegiada da sociedade, aqueles que participam e desfrutam da dinâmica urbana, a gentrificação é vista como revitalização do ambiente. No entanto, para outros, aqueles excluídos do desfrute da cidade, sofrem o impacto do enorme custo social (ATKINSON, 2004, p. 111). Há muitas similaridades com a trajetória da Vai-Vai com a Lavapés, ambos são territórios marcados pela presença negra e pelo samba em sua história, marcados também pelo samba e pela resistência ao apagamento de suas raízes. Com a construção do metrô no Bixiga, os movimentos negros presentes no bairro lutam pela preservação da memória da região:

A região do Bixiga abrigou um dos mais antigos quilombos de São Paulo: o Saracura, localizado em região brejeira, o quilombo se formou no final do século 19, às margens do rio que deu nome ao quilombo (Saracura). Com isso surgiu um movimento negro que pede o reconhecimento da negritude do bairro e propõe uma agenda cultural e de política urbana. O movimento Mobiliza Saracura Vai-Vai tem três eixos de atuação: a localização dos achados para estabelecer e poder contar a história do local, a nomeação da estação com o nome de Saracura-Vai-Vai e a criação de um memorial que conte a história e a memória negra no bairro. (Jornal da USP, Raquel Rolnik)

A exclusão da Lavapés do centro de São Paulo não foi um fenômeno isolado, levando em consideração a Vai-Vai, que como explicitado anteriormente está passando por um movimento bastante similar. Esse deslocamento, além de estar intrinsecamente conectado com a colonialidade de poder, está conectado à ideia de Milton Santos de que o dinheiro é quem organiza o território (OLIVEIRA, 2024).

Milton Santos (2007) relaciona os “dois polos da vida contemporânea”, de um lado, o dinheiro, e, do outro, o território. Para o autor, esses dois pólos se articulam com a de acordo com o movimento constante da construção e da desconstrução, utilizando-se da ideia de “território usado”, e significa um “conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas

superpostas”, na qual identidades estão conectadas a esse lugar, ao trabalho, à resistência, à vida cotidiana e às práticas. O dinheiro surge da necessidade de facilitar as trocas comerciais em uma economia complexa, que exige uma equivalência monetária para todas as coisas (SANTOS, 2007).

O Samba enredo da Lavapés Pirata Negro de 2017 canta:

É luta, é raça, é religião! 80 anos de tradição! Lavapés, resistência do samba!
Com muito axé e gente bamba, um canto na Liberdade ecoou, salve a
Negritude altaneira protetora da bandeira (LAVAPÉS, 2017).

A Lavapés se posiciona frente a todas as forças econômicas e políticas e se mantém com o propósito de celebração da cultura negra, canta seu samba enredo e se mantém como uma comunidade que perpetua o sonho de Deolinda Madre.

3. SAMBA COMO ELEMENTO DE FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E RESISTÊNCIA NEGRA

Existem múltiplas formas de abordagem, entendimento e perspectivas quando analisamos a resistência negra frente aos processos escravocratas e racistas. O sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro Clóvis Moura, coloca em foco a resistência negra no período escravista a partir da guerrilha, organização estratégica e política nos quilombos:

Essas comunidades de ex-escravos organizavam-se de diversas formas e tinham proporções e duração muito diferentes. Havia pequenos quilombos, compostos de oito homens ou pouco mais; eram praticamente grupos armados. No recesso das matas, fugindo do cativo, muitas vezes eram recapturados pelos profissionais de caça aos fugitivos. Criou-se para isso uma profissão específica. Em Cuba chamavam-se rancheadores; capitães do mato no Brasil; coromandel ranger, nas Guianas, todos usando táticas mais desumanas de captura e repressão. Em Cuba, por exemplo, os rancheadores tinham como costume o uso de cães amestrados na caça aos escravos negros fugidos. Como podemos ver a marronagem nos outros países ou a quilombagem no Brasil eram frutos das contradições estruturais do sistema escravista e refletiam, na sua dinâmica, em nível de conflito social, a negação desse sistema por parte dos oprimidos (MOURA, 1987, p. 12-13).

A ideia da formação dos Quilombos como núcleos fundamentais da resistência negra também é compartilhada por Beatriz Nascimento:

Trata-se do Quilombo (Kilombo), que representou na história do nosso povo um marco na sua capacidade de resistência e organização. Todas estas formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro no Brasil (NASCIMENTO, 1985, p. 41)

O escravismo foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro” (PINSKY, 2001, p. 45), e, dentro desse cenário de violência e racismo, a organização política para realizar frente a esses sistemas foram indispensáveis, e precisam ser lembradas e analisadas também para contrariar as ideias racistas que promovem o apagamento e a desinformação de que as pessoas negras nesse período “aceitaram” pacificamente a posição de exploração.

Entretanto, convergentes à organização política e de guerra, existiram também outros movimentos de resistência da população negra que se deram na prática do cotidiano, que fizeram oposição à opressão colonialista: as diversas manifestações culturais.

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade. (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 116).

Essas manifestações, bem como as organizações de guerrilha, foram protagonistas e são de suma relevante o tecer de seus processos históricos, da mesma que sofreram invisibilização pela lógica eurocêntrica. As expressões culturais negras no período colonial eram uma forma de preservação e fortalecimento da negritude, do senso de pertencimento a uma comunidade e expressão do ser no mundo

Abreu (2003, p. 2) reconhece que as músicas cantadas nas senzalas pelos escravizados, ou nas rodas urbanas, não tinham somente a finalidade de entretenimento, mas antes uma forma de resistência “[...] os senhores teriam sido os alvos prediletos destas sátiras, que revelaram uma sofisticada arma de resistência dos afro-americanos contra a opressão”. O samba é uma dessas manifestações que contribuíram para a socialização de pessoas negras, ainda que, segundo Sodré (2002), seja difícil precisar em que região ou período exatamente o samba nasceu. O autor ainda contextualiza que desde quilombos, onde havia negros, havia samba.

O samba, ao longo das décadas, desde sua herança dos tempos escravistas, espalhou-se pelo Brasil, ganhando formas de organização particulares à cultura da região e ao território.

Em São Paulo, ele ganha contornos específicos influenciado pelos processos socioeconômicos próprios do início do século XX:

A origem do samba rural, uma manifestação tipicamente paulista, estaria no Jongô, dança ritual realizada nas fazendas de cana desde o século XVIII, mesclado ao samba de roda trazido por escravos crioulos importados do Nordeste pelos cafeicultores da região de Campinas após 1850. Dessa junção, surgiram tanto o batuque de umbigada de Piracicaba, Tietê e Capivari como o samba de bumbo campineiro. Focaliza-se a manutenção dessa tradição, através das associações de várias cidades dedicadas ao batuque de umbigada e por grupos mais recentes, que recriam as danças ou cantam e passam a compor sambas baseados na ancestralidade afro-brasileira. (VON SIMSON, 2007)

O nascimento do samba paulista, vindo do interior é retratado pela ilustração de Ruy Martins e mostram uma forma de entretenimento entre os trabalhadores do campo, conforme figura 3. Muitas vezes marginalizadas manifestavam um momento de sociabilidade e cultura entre a população negra nas fazendas.

Figura 3- Ilustração de Ruy Martins para o livro "Oito Bananas por um Tostão"



Fonte: Von Simson (2007).

Ainda, segundo a socióloga Olga Von Simson (2007), foi esse samba rural praticado no interior de São Paulo que foi levado para a capital entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX e foram se instalando em regiões pouco valorizadas da cidade como Barra funda, Bixiga, Baixada do Glicério, locais esses onde o samba é uma força tradicional e agregadora.

Nesse mesmo período, Madrinha Eunice e seu marido, Chico Pinga, se conheceram na festa de Bom Jesus de Pirapora, tradição católica que movia fiéis de diversas regiões de São Paulo para a cidade interiorana de Pirapora do Bom Jesus/SP. Mesmo depois de se mudar para São Paulo, Dona Eunice manteve o costume de levar toda sua família e alguns integrantes da escola para a festa de Bom Jesus de Pirapora. A tradição conta que, depois da procissão, o grupo seguia para os barracões onde aconteciam os batuques e as rodas de samba (ARAÚJO, 2012).

Figura 4 - Escola de Samba do Lavapés



Fonte: SP1, 2022.

A fundadora da Escola de samba Lavapés marca presença até em um dos mais conhecidos sambas que citam o Samba de Pirapora, de Geraldo Filme. Música que inclusive é responsável por denunciar o preconceito racial presente também nos ritos religiosos, denunciado no trecho “Menino não sai aqui nessa procissão”.:

Eu era menino/Mamãe disse: vamos embora/Você vai ser batizado/No samba de Pirapora/Mamãe fez uma promessa/Para me vestir de anjo/Me vestiu de azul-celeste Na cabeça um arranjo/Ouviu-se a voz do festeiro/No meio da multidão/Menino preto não sai Aqui nessa procissão/Mamãe, mulher decidida/Ao santo pediu pediu perdão/Jogou minha asa forame levou pro barracão/Lá no barraco/Tudo era alegria/Nego batia na zabumba/E o boi gemia/Iniciado o neguinho/Num batuque de terreiro/Samba de Piracicaba/Tietê e campineiro/Os bambas da Paulicéia/Não consigo esquecer/Frederico na zabumba/Fazia a terra tremer/Cresci na roda de bamba/No meio da alegria/Eunice puxava o ponto/Dona Olímpia respondia/Sinhá caía na roda/Gastando a sua sandália/E a poeira levantava/Com o vento das sete saias/Lá no terreiro/Tudo era alegria/Nego batia na zabumba/E o boi gemia/Lá no terreiro/Tudo era alegria/Nego batia na zabumba/E o boi gemia (FILME, 2000).

A música de Geraldo Filme também se refere à roda de Samba como um espaço de refúgio, reduto onde a alegria e aceitação de pessoas negras era permitida e celebrada, em contraponto com os ritos da religião da sociedade da época. Resistência à sociedade que rejeitava a figura negra, os cordões, agremiações e escola de samba funcionam como espaço de sociabilidade, acolhimento, conexão e fortalecimento da autoestima. Rosemeire Marcondes, atual presidente de honra da Lavapés Pirata Negro, comenta sobre a escola de samba:

A escola de Samba é uma grade família, onde se agrega todo tipo de pessoa, todo tipo de etnia, mas a fundação, o fundamento dela é totalmente negro, de matriz africana, da religião e principalmente dos nossos ancestrais que fizeram tudo para que o carnaval de São Paulo seja esse, maravilhoso (GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2024).

Rosemeire ainda comenta que, mesmo depois de 2004, quando a Lavapés foi retirada do bairro do Glicério, o senso de pertencimento, a conexão com a música e a resistência são fundamentais para a continuidade do legado da escola e que, mesmo longe do Glicério, a organização realiza rodas de Samba no bairro:

Não é porque a gente tem uma quadra lá no Jabaquara que mudou alguma coisa, (...) não mudou nada. Todo mês fazemos a roda de samba nas cinco esquinas, que é a encruzilhada, que é um eixo de encruzilhadas e muita gente vem. (...) Alguns componentes antigos? Sim, mas muitos são componentes novos que querem seguir esse legado” (GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2024).

A presença nas chamadas Microáfricas paulistas, desde o período colonial e início do século XX, representou uma ferramenta de resistência importante frente ao racismo e outras desigualdades sociais, além de ter sido fundamental no processo de construção de identidades negras. “Competente também ao processo da população negra brasileira, entende-se a ideia de mobilidade; em geral forçada, da população negra, África para América e dentro do Brasil, entre o rural e o urbano, entre o Nordeste e o Sudeste” (RATTS, 2006, p.73). Ou mesmo, dentro do centro da metrópole para as periferias como aconteceu com a localidade de Lavapés.

Outra forma de resistência, que pode ser atribuída a prática do samba nas comunidades negras paulistas, é um processo identitário do ser negro de maneira coletiva. Para explorar esse tema, podemos usar como referência o filme de Raquel Gerber, “Ôrí”. Nele, a autora Beatriz do Nascimento explora a relação entre negritude, corpo, território, memória e intelectualidade. Para autora, a intersecção desses temas é capaz de reconstituir a dignidade do sujeito negro que foi cruelmente rompida no processo de escravização e subordinação imprimida pelo racismo.

A encarnação do “Ôrí” não é um regresso ao passado em África, já que para autora esta é uma terra que não mais representaria o sentimento de pertença, a história dos negros escravizados é a história de uma presença em terras de outros, portanto o corpo negro é o próprio território de pertença. (REIS, 2020)

A musicalidade do samba, a relação da identidade coletiva permite que não só a negritude se fortaleça mas também indica o fortalecimento do indivíduo enquanto ser no mundo. “A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.” (ÔRÍ, 1989, s.p.).

No filme, Beatriz Nascimento contextualiza a escola de samba dentro do contexto Paulista:

A partir do momento que as escolas de samba, quer dizer (...) é o que eu chamo de quilombo ainda hoje, o espaço negro(...) e quando o negro não conhece nada da sua história a necessidade que existe de você colocar isso no carnaval, que é pra abrir esse horizonte de conhecimento pra o pessoal e é organização negra as escolas de samba são os terreiros de candomblé né? Então pra mim são os quilombos de hoje, os quilombos do século XX (ORÍ, 2008).

Beatriz Nascimento considerou em sua obra as escolas de samba como sistemas alternativos de aglutinação e fortalecimento da população negra, assim como foram os quilombos na época escravista. A força dessa análise vem ao encontro com a multiplicidade que a resistência negra se impõe ao longo dos anos frente aos desafios contemporâneos.

4. LAVAPÉS, LEGADO E O “BATUQ DO GLICÉRIO”

A trajetória de mais de 70 anos da escola de samba Lavapés confirma uma história de glórias, declínio, música, resistência e alegrias. A pioneira em São Paulo, liderada por uma mulher negra que passou o bastão da presidência da escola para sua neta, Rosemeire Marcondes, que, mesmo com dificuldades, escolheu continuar o legado da escola.

A herança e impacto da Lavapés perdurou e outros movimentos musicais surgiram na região, principalmente depois que a Lavapés foi expulsa do Glicério. Em 2013, um grupo de moradores da região fundaram um grupo de samba chamado “Batuq do Glicério”, que atuam abaixo do Viaduto do Glicério toda terça feira à noite: dança, canto e oficina de batuque são realizados ali. Sobre a oficina, Alexandro de Souza⁵ comenta: “A Oficina de percussão acontece sempre às terças a noite (..), todo mundo pode participar, mesmo criancinha bem pequena, só tem que ter força para segurar o tambor, menorzinho não conseguem” (SOUZA, 2024).

Figura 5 - Crianças tocando instrumentos na sede do "Batuq", sob o Viaduto do Glicério



FONTE: Página do Facebook do Batuq do Glicério

Durante as perguntas iniciais a Alex, como prefere ser chamado, ele comenta que as oficinas são formas de dar uma ocupação e divertimento, principalmente para as crianças. Menciona também que aprendeu a tocar cavaco na quadra da Lavapés.

⁵ Alexandro é um dos líderes do grupo de samba Batuq do Glicério, atua desde 2013 sendo multi-strumentista e professor de música nas oficinas do grupo.

Eu aprendi muito no Lavapés, comecei a tocar por conta do meu cunhado que já tocava e me chamou para participar. Participei daquela bateria que ficava ali próximo da “5 esquinas” (...) Lembro da Eunice passando pelas ruas e chamando as pessoas, os meninos da rua ali (...) aí depois quando as escola saiu dali ficou tudo muito parado, uma roda aqui e outra ali e só (...) por isso montamos Batuq e já são mais de 10 anos de existência e resistência. Não dava pra deixar acabar né? É cultura negra, é nosso respeito total. Samba é a minha vida

A celebre frase de Deolinda Madre parece ser premonitória sobre o legado da escola que foi fundadora: O Samba, mesmo depois de décadas da criação da Lavapés e de anos depois da escola sair do local de origem continuou a ecoar pelas ruas do Glicério e continuou também sendo um local de sociabilidade para a população negra ali residente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo surgiu de uma pergunta e inquietação que normalmente aparece para pessoas negras brasileiras desde os tempos escolares: qual é a minha história? Quem são meus ancestrais? A história negra no Brasil se resume à escravidão? A resposta sobre esse questionamento é quase sempre reducionista: pessoas negras no Brasil são descendentes de escravos. Segundo a historiadora Claudete de Sousa Nogueira, quando desembarcaram no Brasil as pessoas negras, trazidas à força de vários países africanos, perdiam nome e sobrenome, adquirindo o sobrenome dos senhores a quem pertenciam. Existindo, então, uma lacuna ainda mais extensa quanto às origens das pessoas negras, visto que, dificilmente, conseguiremos recuperar, preencher estas lacunas. Além disso, a grande maioria da documentação referente a escravidão foi destruída:

Em dezembro de 1890, menos de dois anos após a abolição da escravatura, o então ministro da Fazenda da República, Ruy Barbosa, assinou um despacho oficial ordenando que toda documentação relativa à escravidão fosse enviada ao então Distrito Federal para ser destruída. A iniciativa à época despertou toda sorte de críticas. No texto, Ruy Barbosa dizia que ordenava a destruição porque a “República era obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria e em homenagem aos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que com a abolição do elemento civil entraram na comunidade brasileira”. Na visão de diversos historiadores, porém, Ruy Barbosa agia para impedir que os proprietários de escravos dispusessem de qualquer documentação que pudesse depois ser usada para fundamentar um pedido de indenização por conta da emancipação dos escravizados (VESSONI, 2023, *s.p.*).

A partir desse debate sobre a memória negra no Brasil, foi possível formular outros questionamentos que conduzem a pesquisadora, dentro do mesmo espectro, sobre a memória negra: por que a história da primeira escola de Samba de São Paulo, a Lavapés, é tão pouco conhecida? Se o samba é uma das expressões culturais afrobrasileiras mais valorizadas, por que uma comunidade como essa luta para sobreviver? Por qual motivo essa escola de samba precisou mudar o endereço original? Qual é a relação da negritude e do samba com conceitos como gentrificação, apagamento e identidade? As respostas não são simplistas. Uma série de conceitos foram explorados para conseguir responder essa questão: Racismo estrutural, Gentrificação, Colonialidade de poder, interesse econômico e ação estatal, evidenciado como motivo principal da escola precisar mover-se do local original. Constata-se que não há de fato uma resposta única e simples para as perguntas, mas sim a intersecção de todas as forças anteriormente citadas atuando juntas. Paralelamente, a escola de samba como um lugar de aquilombamento e fortalecimento da identidade negra tem resistido a forças externas e se mantendo ativa, fazendo valer a célebre frase da fundadora da Lavapés: a Lavapés teve início, mas não terá fim. Contudo, o poder público precisa reconhecer a importância cultural da Lavapés para a cidade bem como a relevância para a memória negra paulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Frede. **O Barracão do Mestre Waldemar**. Brasil: Barbaró, 2003.

AGÊNCIA SENADO. Delito de 'vadiagem' é sinal de racismo, dizem especialistas. **Agência Senado**, Brasília, 15 de setembro de 2023. Disponível: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/delito-de-vadiagem-e-sinal-de-racismo-dizem-especialistas>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte, Letramento, 2018. [anais/60320.pdf](#)>. Acesso em: maio de 2023

ARAÚJO, Lígia Fagundes. **A Escola de Samba Lavapés: Um patrimônio cultural do Glicério**. Orientador: Dennis de Oliveira. 2012. Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ATKINSON, Tony. A experiência da União Européia com políticas de inclusão social. In: BUVINIC, Mayra; MAZZA, Jacqueline; DEUTSCH, Ruthanne. **Inclusão social e desenvolvimento econômico na América Latina**. Tradução: Hilda Maria L. P. Coelho. Rio de Janeiro: Elsevier; Washington: BID, 2004.

AZEVEDO, A. M. Sambas, orixás e arranha-céus: a música de Geraldo Filme. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, [S. l.], v. 25, n. 1, 2012. DOI: 10.14393/cdhis.v25i1.20956. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/20956>. Acesso em: 15 maio. 2024.

CATRACA LIVRE. 'A Lavapés nunca terá fim', diz neta de Madrinha Eunice. **Catraca Livre**, s.l., 9 de maio de 2019. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/samba-em-rede/lavapes-nunca-tera-fim-diz-neta-de-madrinha-eunice/>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

CONSTELA, Carlos Vergara. Gentrificación y renovación urbana. Abordajes conceptuales y expresiones en América Latina. **Anales de Geografía**, v. 33, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4775196>>. Acesso em 14 de maio de 2024. Cordero, A. H. (2016). Gentrificación: orígenes y perspectivas. *Revista del Departamento de Geografía*, 4(6), 91-113.

COSTA, Cruz. **Contribuição à história das ideias**. José Olympio: Brasil, 1956.

DA ROSA, Allan. **Pedagogia, Autonomia e Mocambagem**. Brasil: Pólen Livros, 2019.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. Boitempo: São Paulo, 2006.

DE SOUZA, Alexandre. **Entrevista com Alexandre de Souza**. [Entrevista concedida a] Camila Áurea dos Santos. São Paulo, 1 arquivo .mp3. (MIN). A entrevista na íntegra se encontra transcrita no Apêndice A deste Trabalho de Conclusão de Curso.

DO NASCIMENTO, Débora Fernandes. O Prefeito Antônio Prado e a população negra da cidade de São Paulo (1899 - 1911). In: **ENANPUR**, XVIII,2019, Natal. Anais eletrônicos, Natal, 2019. Disponível em: Acesso em: 03 de maio de 2024

DOMINGUES, Petrônio. "Paladinos da liberdade": A experiência do Clube Negro de Cultura Social em São Paulo (1932-1938) . **Revista de História**, São Paulo, n. 150, p. 57–79, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i150p57-79. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18978>>. Acesso em: 15 maio. 2024.

ELLIOT-COOPER, Adam; HUBBARD, Phil; LEES, Loretta. Moving beyond Marcuse: Gentrification, displacement and the violence of un-homing. **Progress in Human Geography**, vol. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132519830511>>. Acesso em 14 de maio de 2024.

FILME, Geraldo. **Batuque de Pirapora**. São Paulo, Sesc SP, 2000.

FILME, Geraldo. **Tradição – Vai no Bixiga pra ver**. São Paulo, Coleção Eldorado, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006

G1. Lei da vadiagem é raramente aplicada, mas ainda persiste no país. **JusBrasil**, 2010. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/lei-da-vadiagem-e-raramente-aplicada-mas-ainda-persiste-no-pais/2365554>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Madrinha Eunice - Legado e ancestralidade. **YouTube**, fevereiro de 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xoei20bUahs>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2001.

GRAHAM, Stephen. **Cities under siege: the new military urbanism**. Londres/Nova York: Verso, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JANOSKA, Michael; SEQUERA, Jorge; ARREORTUA, Luis Alberto Salinas. Gentrification in Spain and Latin America - A Critical Dialogue. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 38, n. 4, 2024.

KARA, Beatriz. **A popularização do centro de São Paulo: deterioração ou degradação, termos imbuídos**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LAVAPÉS. **Samba Enredo**. Lavapés Pirata Negro, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QsXx7_cO_Og>. Acesso em 13 de maio de 2024.

MANZATTI, Marcelo Simon. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro:** estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MENDES, L. F. G. As novas fronteiras da gentrificação na teoria urbana crítica. **Revista Cidades**, v. 12, n. 20, 207-252, 2015.

MORAES, Amanda de Lima. **Memória da população negra na cidade de São Paulo:** Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1725 – 1904). 2017. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MORAES, Wilson Rodrigues de. **Escolas de samba de São Paulo (capital).** Texas: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro.** Brasil: Anita Garibaldi, 2021.

MOURA, Clóvis. **Quilombos:** resistência ao escravismo. Brasil: Atica, 1987.

MUNANGA, Kabengele; GOMES Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: **Afrodíaspóra 6-7 - Revista do mundo negro**, Rio de Janeiro, Ipeafro, ano 3, n.º 6 e 7, 1985, p. 41-49

OLIVEIRA, Dennis de. Por que a Vai-Vai incomoda (ou)?: **Barão de Itararé**, 15 de fevereiro de 2024. Disponível em: <<https://baraodeitarare.org.br/site/noticias/cultura/dennis-de-oliveira-por-que-a-vai-vai-incomoda-ou>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius Chagas. **Donas, Bambas, Batuques e a Escola de Samba do Lavapés:** Espacialidades e Cultura Negra na Liberdade Pós-Abolição (1888-2020). 2020. Monografia (Bacharelado em Geografia). Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ORÍ. **Direção:** Raquel Gerber. Brasil: Angra Filmes, 2008.

PINSKY, J. **A Escravidão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os Moinhos de vento da América Latina. **Estudos Avançados**, vol. 19, n. 55, São Paulo, 2005

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. **Beatriz Nascimento vive entre nós: pensamentos, narrativas e a emancipação do ser (anos 70/90)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 141p., 2020.

ROLNIK, Raquel. Movimento Quilombo Saracura se mobiliza nas obras de escavação da Linha 6 do Metrô em São Paulo. **Jornal USP**, São Paulo, 21 de julho de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/movimento-quilombo-saracura-se-mobiliza-na-obras-de-escavacao-da-linha-6-do-metro-em-sao-paulo/>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras** (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). 1989.

SACONI, Rose. Primeiro carnaval oficial de São Paulo foi em 1968. **Estadão**, São Paulo, 28 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/primeiro-carnaval-oficial-de-sao-paulo-foi-em-1968/>>. Acesso em 7 de maio de 2024.

SANTOS, Luiz Carlos dos. A presença negra no Brasil. In: **Curso Educação Africanidades Brasil**. Brasília: MEC, 2006.

SANTOS, Milton. **O Dinheiro e o Território**. Território, Territórios: ensaio sobre o Ordenamento Territorial. Capítulo 1: Editora Lamparina, 2007, p.13-21.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. Brasil: Edusp, 2008.

SCHENKMAN, Raquel. Identificação e Proteção do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano do Bairro da Liberdade: atualização e retomada do IGEPAC-SP. **1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil**, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <even3.blob.core.windows.net/>

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 63, p. 16–35, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i63p16-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13365..> Acesso em: 15 maio. 2024.

SHIN, H. Studyng global gentrification. In J. Harrison, & M. Hoyler (Eds.), **Doing global urban research London**: Sage, 2018.

SHIRAIWA, Mariana Couto. **Inquietações urbanas: Reflexões sobre a produção socioespacial do Glicério**. 2017. Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Eloiza Maria Neves. **História de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas**. Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

SILVA, Marcelo Vitale Teodoro da. **Territórios Negros em Trânsito: Penha de França – Sociabilidades e Redes Negras do Pós Abolição**. 2018. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SIMSON, Olga R. de M. V. **Carnaval em Branco e Negro**. Carnaval Popular Paulistano. 1914-1988. São Paulo: Edusp, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

SMITH, Neil. **La nueva frontera urbana: ciudad revanchista y gentrificación**. Traficantes de Sueños, 2012.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a Forma Social Negro-brasileira**. Bahia: Prosa e Poesia, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia S. JOVINO, Ione S., MUNIZ, Kassandra S., **Revista da ABPN** - v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência. Janeiro de 2018, p.01-11.

SP 2. Vai-Vai segue sem uma quadra definitiva quase dois anos depois de deixar o espaço tradicional no Bixiga. **G1**, 20 de maio de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/20/vai-vai-segue-sem-uma-quadra-definitiva-quase-dois-anos-depois-de-deixar-o-espaco-tradicional-no-bixiga.ghtml>>. Acesso em 13 de maio de 2024

SP1. Estátua da sambista negra Madrinha Eunice é inaugurada na Liberdade. **G1**, São Paulo, 2 de abril de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/04/02/estatua-da-sambista-negra-madrinha-eunice-e-inaugurada-na-liberdade.ghtml>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VESSONI, Aline. As histórias que Ruy Barbosa não conseguiu queimar. **Jornal da Unesp**, São Paulo, 14 de abril de 2023. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2023/04/14/as-historia-que-ruy-barbosa-nao-conseguiu-queimar/>>. Acesso em 14 de maio de 2024.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 2001.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. O samba paulista e suas histórias: textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista. **Saráo**, Campinas, v. 3, n. 2, 2007, p. 1-12.

WYLY, Elvin. The Evolving State of Gentrification. **Journal of Economic and Human Geography**, 2019.

APÊNDICE A – Entrevista com Alexandre da Silva Souza

Informações da Entrevista:

Entrevistadora: Camila Áurea dos Santos, 29 anos, residente de São Paulo Capital, Bairro Liberdade.

Entrevistado: Alexandre da Silva Souza, 48 anos, residente de São Paulo Capital, Baixada do Glicério

Entrevista:

Pergunta (Camila Áurea): Alex, muito obrigada ter topado participar dessa pesquisa, de coração.

Resposta (Alexandro da Silva): Imagina, “tamo” junto. Vamos ver o que você precisa.

Pergunta (Camila Áurea): Boa! Para começar, pode falar um pouco sobre você?

Resposta (Alexandro da Silva): Vamos lá (...) Eu sou Alexandre da Silva Souza, sou nordestino e nasci em [19]77’, hoje tenho 48 anos, moro aqui no Glicério faz mais de ano, (...) quase 30 anos já.

Pergunta (Camila Áurea): Legal, pode me contar um pouco sobre a sua história com a “Batuq do Glicério”? Como funciona?

Resposta (Alexandro da Silva): Começou quando uns amigos meus, (...) a gente se juntou e montou o grupo, primeiro um bloco de carnaval. Eu, Danilo, Pardal e Maurício. O Pardal hoje é o presidente. Acho que o dia foi 25/03/2013 (...) é isso aí mesmo. Quando tocamos na roda é mais ou menos 8 pessoas tocando. E tem a Oficina também onde ensinamos o Batuque. A Oficina de percussão acontece sempre às terças a noite (...), todo mundo pode participar, mesmo criancinha bem pequena, só tem que ter força para segurar o tambor, menorzinho não conseguem. Eu mesmo comecei a tocar na Lavapés, era adolescente.

Pergunta (Camila Áurea): Legal, pode me contar um pouco sobre a sua história com a “Batuq do Glicério”? Como funciona?

Resposta (Alexandro da Silva): Eu aprendi muito no Lavapés, comecei a tocar por conta do meu cunhado que já tocava e me chamou para participar. Participei daquela bateria que ficava ali próximo da “5 esquinas” (...) Lembro da Eunice passando pelas ruas e chamando as pessoas, os meninos da rua ali (...) aí depois quando a escola saiu dali ficou tudo muito parado, uma roda aqui e outra ali e só (...) por isso montamos [o] “Batuq” e já são mais de 10 anos de existência e resistência. Não dava pra [sic] deixar acabar né? É cultura negra, é nosso respeito total. Samba é a minha vida.

Pergunta (Camila Áurea): E como é pra [sic] você morar no Glicério?

Resposta (Alexandro da Silva): Eu gosto muito (...) é bem perto de tudo, sempre tem samba, tem música na rua (...), tem problema também mas eu gosto, tô [sic] aqui quase 30 anos já.